
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

FORMA E MILITÂNCIA EM “O MOLEQUE”, DE LIMA BARRETO

Marcelo Tadeu Schincariol
(Unicamp / Fapesp)

RESUMO: Partindo da análise do conto “O moleque”, o artigo discute a suposta falta de elegância de Lima Barreto em relação à forma literária. Para tanto, tem-se em conta a noção de *literatura militante* de que o autor se vale para falar de literatura, como para pô-la em prática. PALAVRAS-CHAVES: Lima Barreto - Teoria do conto - Militância literária

INTRODUÇÃO

Apesar de bem-sucedido literariamente após longo tempo desde sua estréia, nas palavras de Tristão de Athayde, “consagrado pela posteridade”(Silva 1981: 15), Lima Barreto é considerado por muitos estudiosos um escritor “que nem sempre conseguiu dar às próprias idéias requintes de elegância , ou mesmo, simplesmente, correção de forma”(Barreto 1961a: 9).

Quanto às possíveis razões dessa que seria uma característica marcante na obra de Lima Barreto, há os que a consideram conseqüência da vida conturbada do escritor: as oscilações de temperamento, a questão da aceitação social, seu problema com o alcoolismo e as conseqüentes internações. Existem ainda aqueles que, de um ponto de vista mais amplo, identificam a irregularidade formal como traço do processo de evolução do realismo brasileiro, como pensa Carlos Nelson Coutinho:

As causas dos desníveis internos que podemos indicar na produção narrativa do grande romancista devem ser buscadas num ponto mais profundo, ou seja, naquela ausência de continuidade substancial na evolução do realismo brasileiro, ausência que impõe uma linha fragmentária e cheia de altos e baixos. Essa descontinuidade obriga o escritor a recomeçar sempre “do início”, a descobrir por sua própria conta os meios estético-ideológicos adequados à reprodução da

realidade; e, mais que isso, ela insinua-se freqüentemente no próprio interior da produção de cada escritor tomado isoladamente. (Coutinho 1972: 22)

A explicação que se vale da atribulada vida pessoal de Lima Barreto mostra-se um tanto simplista ao depositar grande peso no caráter autobiográfico de sua obra; aquela que situa os altos e baixos de sua escrita na ausência de continuidade na evolução do realismo brasileiro parece não dar conta, não obstante a sua pertinência, do que a obra de Lima Barreto tem de particular quanto à *dispositio literaria*. Mais ainda, descarta, embora de maneira indireta, o “desapego” à forma como decorrência da postura ideológica de um escritor para o qual o fenômeno artístico/literário é, sobretudo, um fenômeno social.

Pode-se afirmar que Lima Barreto intencionava criar um tipo de literatura cujo valor estético estivesse conjugado à preocupação de trazer à tona questões condizentes com as necessidades dos seres humanos. Tratar-se-ia de um trabalho cujo caráter experimental revela uma tentativa de encontrar uma adequada representação dos novos tempos. É preciso, portanto, relativizar o termo “mal feito”, que, nas palavras de Lima Barreto, adquire dimensão ideológica: “Mandei [para a publicação C.N.C.] as *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, um livro desigual, propositalmente mal feito, brutal, por vezes, mas sincero, sempre” (Coutinho 1972: 25).

As investigações a respeito da questão da forma em Lima Barreto mostram-se reveladoras quando dialogam com o conceito de *literatura militante* que pode ser identificado na literatura e na crítica literária praticadas por ele. Em outros termos, há que se compreender o tratamento que dá à forma literária no interior da própria noção de *literatura militante* presente em sua obra.

Nas dimensões desse estudo, elejo como ponto de partida e também fio condutor da discussão a análise de “O moleque”, em *Histórias e sonhos*.

“O MOLEQUE” E A TEORIA DO CONTO

Apesar de ter-se rendido à conclusão de que “cada conto é um conto”, ou seja, de que não existe, de fato, um aparato teórico que consiga dar conta de todos os textos que se costumam chamar de contos, Nadia B. Gotlib, em *Teoria do conto*, consegue reunir, apoiada em autores como Poe, Tchekhov e Joyce, algumas das características essenciais desse gênero literário:

Porque cada conto traz um compromisso selado com sua origem: a da estória. E com o modo de se contar a estória: é uma forma breve. E

com o modo pelo qual se constrói este seu jeito de ser, economizando meios narrativos, mediante contração de impulsos, condensação de recursos, tensão das fibras do narrar.

Porque são assim construídos, tendem a causar uma *unidade de efeito*, a flagrar *momentos especiais* da vida, favorecendo a *simetria* no uso do repertório dos seus materiais de composição. (Gotlib, 1985: 82 - grifos meus)

A característica marcante do conto seria, portanto, a economia. Forma breve de contar uma história, em suas conclusões o conto caracterizar-se-ia pela economia dos meios narrativos e de estilo e pela tensão da narrativa. Mais ainda, tais procedimentos seriam responsáveis pela concentração de recursos na busca de uma unidade de efeito e também pela simetria dos elementos usados em sua construção.

Dentre os contos que compõem *Histórias e sonhos*, vários são os textos que preencheriam os “requisitos” listados por Nádya B. Gotlib, sendo alguns exemplos “Cló”, “A cartomante” e “O caçador doméstico”. No entanto, muitos deles sobressaem do conjunto justamente por não se enquadrarem no gênero que se convencionou chamar de conto, o que não torna tais textos mais ou menos interessantes; simplesmente aguça a curiosidade do pesquisador, que não tem como submetê-los aos parâmetros de um outro gênero literário.

A seguinte passagem de “Amplius!” revela-se, nesse sentido, esclarecedora:

Parece-me que o nosso dever de escritores sinceros e honestos é deixar de lado todas as velhas regras, toda a disciplina exterior dos gêneros e aproveitar de cada um deles o que puder e procurar, conforme a inspiração própria, para tentar certas usanças, sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos, difundir nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens para soldar, ligar a humanidade em uma maior, em que caibam todas, pela revelação das almas individuais e do que elas têm de comum e dependente entre si. (Barreto 1961b: 33)

Partindo da evidência de que tais “exceções” não revelam a falta de talento literário de Lima Barreto, mas apontam para a prática de uma releitura da tradição, à qual é inerente o experimentalismo, analiso “O moleque”, conto cuja construção é marcada por uma aparente falta de economia e também pela assimetria. Pretendo assim discutir o trabalho com a forma em Lima Barreto em sua relação com a *militância literária*.

UMA ESTRUTURA NARRATIVA PARTICULAR

Como vimos com Nádía B. Gotlib, os textos comumente chamados de “contos”, por serem relativamente breves, caracterizam-se pela concentração de forças para manter a tensão da narrativa e tendem a causar uma unidade de efeito no leitor. No caso de “O moleque”, tem-se uma forma relativamente curta, permeada de comentários e considerações do narrador que, não somente interferem na tensão da narrativa, deixando-a mais “solta” e um tanto assimétrica, como também provocam uma diluição do efeito a ser causado no leitor.

“O moleque” tem início quando o narrador, citando Reclus e sua *Geografia Universal*, discute a importância da conservação dos nomes tupis dos lugares de uma terra. Tais nomes teriam a vantagem de possuir, em sua maioria, um sentido claro e a capacidade de exprimir algum fato da natureza, como cor das águas, altura e forma dos rochedos e aspectos da vegetação. Tomando a cidade do Rio de Janeiro como exemplo concreto, observa que seus nomes tupis, quase sempre eloqüentes, constituem os mais antigos testemunhos das existências anteriores.

A partir desse momento da narrativa, a “discussão” ganha dimensões mais amplas. Ao comparar os artefatos e obras dos índios- existências anteriores- às obras do Rio de Janeiro de sua época, o narrador observa que edifícios públicos estão a rachar a todo instante, sendo os monumentos mais importantes dessa cidade, que já ia para os quatrocentos anos, de apenas século e meio. Essa observação leva o narrador a acreditar na existência do que chama de “fatalidade dessas terras”, ou seja, na “necessidade de não conservar impressões das sucessivas camadas de vida que elas deveriam ter presenciado o desenvolvimento e o desaparecimento.” Em outros termos, é “como se a terra não quisesse que fiquem nela outras criações e vidas que as florestas e os animais que nela vivem (...), vidas que devem desaparecer sem deixar vestígios”.

Após tecer algumas considerações sobre o fato de que nomes de índios desapareceram para dar lugar a nomes banais, “de figurões ainda mais banais”, o narrador passa a tratar de Inhaúma, antiga aldeia de índios localizada na Serra dos Órgãos, um dos poucos lugares que conservam seu nome caboclo. A partir de então, o leitor tem acesso, deixando-se guiar por uma prosa informal e envolvente, a suas ruas, aos jardins e hortas de suas casas e aos costumes religiosos e crenças de seus moradores.

Já envolvido pela atmosfera da aldeia de Inhaúma, o leitor passa a conhecer o barracão em que mora D. Felismina. As observações que recaem sobre o seu barracão estendem-se aos demais barracões do local, quando então o narrador dá início a uma comparação entre os diversos tipos de habitação existentes e menciona alguns dos costumes de seus habitantes, como o de criar galinhas em comunidade.

Ao dar seqüência a tal comparação, introduz duas outras personagens, D. Emerenciana e Baiana, as quais acabam servindo de mote para que discuta, ainda que brevemente, a questão do preconceito racial.

Tratando mais uma vez de D. Felismina, negra trabalhadora que lava roupas para fora para sobreviver, o narrador apresenta ao leitor seu filho José, personagem central da história. A partir desse momento, tem início a ação propriamente dita e a narrativa torna-se mais linear e tensa.

Acompanhando o moleque em suas incursões à venda suburbana onde costumava comprar sabão e à casa dos fregueses nas quais costumava entregar as roupas limpas, percebemos como era responsável, apesar da pouca idade, e quanto o trabalho de D. Felismina dependia do seu para que obtivesse sucesso. Nesse percurso, sabemos dos tipos sociais que costumam freqüentar as vendas do subúrbio, do desprezo de José pela vida urbana, da sua paixão pelo cinema e do Coronel Castor, que oferecera à sua mãe ajuda para que pudesse freqüentar a escola como os outros garotos de sua idade.

A narrativa adquire seu ponto máximo de tensão quando, certo dia, José chega à casa do Coronel Castor chorando, sem querer revelar-lhe por que o fazia. O Coronel oferece-lhe uma fantasia de diabinho - era tempo de carnaval - em troca do seu segredo. José concorda e volta feliz para casa, com o embrulho nas mãos. Chegando lá, é recebido com desconfiança pela mãe, que sabia não ter o garoto dinheiro para comprar a fantasia. Um tanto constrangido pela desconfiança demonstrada pela mãe, tenta, ainda nervoso, esclarecer a situação: desejava assustar uns garotos, vizinhos do Coronel, que lhe tinham chamado de moleque, negro, gíbi.

Analisando a narrativa de “O moleque” de um ponto de vista mais amplo, percebe-se um movimento claro do olhar do narrador, do geral para o particular. Em meio às considerações sobre a importância da conservação dos nomes tupis, toma o Rio como exemplo de “degradação”, elege Inhaúma como exceção e localiza na mencionada vila aqueles que irão compor os personagens centrais de sua narrativa, a qual chega ao fim com o desejo ingênuo do garoto de amedrontar aqueles que o haviam insultado. Trata-se, na verdade, de um movimento que se assemelha ao *zoom* de uma câmera de cinema.

No entanto, observa-se que, no percurso que vai do *plano aberto* para o *zoom*, são muitos os momentos em que o narrador insere comentários diversos, introduzindo assuntos diferentes sem, na maioria das vezes, desenvolvê-los. Além disso, muitas das personagens surgem sem que se saiba realmente qual o seu papel, sem que se lhes atribua uma função que não a de constituírem pretexto para as discussões paralelas que permeiam a narrativa. Como conseqüência, o

leitor sente-se um tanto perdido quanto aos rumos da história, conduzido por caminhos que são muitas vezes abandonados em função de outros mais curtos ou mais longos, num ritmo mais ou menos intenso, o que depende do fôlego do narrador.

Julgando por demais simplista a explicação de que a ausência de economia a que me refiro deve-se à falta de talento literário de Lima Barreto ou mesmo ao seu desleixo/indisciplina ao dar forma às suas idéias, investigo tal questão mais de perto. Para tanto, retomo brevemente a análise das “discussões” introduzidas pelo narrador de “O moleque”, que quase sempre não as desenvolve e as abandona. Além disso, questiono qual o verdadeiro papel das personagens que surgem e desaparecem na narrativa com a mesma rapidez.

REPENSANDO A IRREGULARIDADE FORMAL EM “O MOLEQUE”

Como foi visto, o primeiro tema tratado em “O moleque” é a necessidade de preservação dos nomes tupis, antigos testemunhos de existências anteriores. Ao reunir observações a respeito do desaparecimento de tais nomes, que são substituídos pelo de “figurões banais”, o narrador, demonstrando preocupação com a questão da preservação da memória do nosso país, estabelece um paralelo entre o desaparecimento destes e a destruição, pelo tempo, de muitos dos monumentos históricos da cidade do Rio de Janeiro. A discussão ganha ares de nostalgia ao remeter, num plano mais amplo, à questão da transformação da cidade do Rio pelo processo de modernização que a atinge. Merece ainda especial atenção a “fatalidade dessas terras”, sua necessidade de não conservar impressões das civilizações que aqui surgiram e desapareceram.

Tendo caracterizado um Rio de Janeiro em “decadência”, o narrador rende-se a uma exceção, o subúrbio de Inhaúma, antiga vila que não somente preserva seu nome originalmente caboclo, como também um modo de vida particular. Os monumentos históricos que então lhe chamavam a atenção cedem lugar às ruas de largura desigual e aos jardins e hortas mal cuidados de Inhaúma, cujos aspectos humanos sobressaem.

Apesar de seu olhar de simpatia para com o subúrbio, nota-se que o mesmo não nos é apresentado como um local ideal. O narrador deixa indícios de que não deve ser considerado um exemplo de convivência pacífica: há discriminação racial e disputa por um melhor local na hierarquia social, e também pobreza e miséria.

Não obstante as ressalvas, a atitude do narrador sugere uma opção pelo subúrbio, cenário que ocupa maior espaço no conto e que constitui, aos seus

olhos, uma exceção frente ao processo de transformação/modernização dos centros urbanos; mais ainda, um local em que há maior liberdade de escolha e onde atividades, muitas vezes as mais banais, são socializadas. Essa idéia é reforçada pela atitude da personagem central do conto, José, que “desprezava a vida urbana” e demonstrava fascínio pelo Engenho de Dentro e seu cinema.

No prefácio de Sérgio Buarque de Holanda a *Clara dos Anjos*, reforça-se que o mundo suburbano constitui um tema recorrente na obra de Lima Barreto. Convém notar que a riqueza ou a origem elevada não constituem, elas mesmas, um elemento negativo:

Essa humanidade [referindo-se aos habitantes do subúrbio, nas palavras de Lima Barreto, “refúgio dos infelizes”] despojada da “situação normal”, exilada do seu verdadeiro mundo, é que representa a matéria prima de toda a ficção de Lima Barreto. Não deixa de ser a circunstância de uma parte considerável ter ou julgar ter origens elevadas. Embora tal presunção sirva admiravelmente, em alguns casos, para realçar o que há de mais antipático em certas figuras [...], na verdade não é só por si e obrigatoriamente um traço negativo. Do contrário estaria condenado sem apelo todo o mundo suburbano, pois todos ali se gabam, mais ou menos, de suas origens insígnias, todas as famílias, diz o romancista, “se têm na mais alta conta, provindas da mais alta prosápia; mas são pobríssimas e necessitadas. Uma diferença acidental de cor é a causa para que uma se possa julgar superior à vizinha; o fato do marido desta ganhar mais do que o daquela é outra.” (Holanda 1976: 17)

É preciso observar que, em “O moleque”, o subúrbio equívale, num certo nível, aos centros urbanos. Para ser mais claro, a mesma fatalidade das terras que têm a necessidade de não deixar marcas das existências anteriores atinge de maneira igual subúrbio e centro urbano. Ambos estão fadados a desaparecer, a serem destruídos pelo tempo. Ainda com Sérgio B. de Holanda:

A sedução exasperada que exerce sobre Lima Barreto essa paisagem humana de vida é comparável e sem dúvida idêntica, no fundo, ao enlevo com que ele se detém no descrever os velhos casarões imperiais, já carcomidos pelo tempo e pelo abandono, onde a sombra que ficou na grandeza perdida, aviva pelo próprio contraste a extensão das ruínas. (1976: 17)

É interessante notar que a questão da fatalidade permeia também a história do garoto José: sua intenção de meter medo nos garotos que o provocaram vestindo-se de diabinho apresenta-se-nos como uma tentativa já de antemão fadada ao fracasso. É comum a interpretação da obra de Lima Barreto como uma espécie de confissão mal disfarçada - tendo a questão racial lugar privilegiado em seus escritos, muitas vezes repleta de traços autobiográficos. É possível interpretar essa fatalidade como da própria raça negra, fadada ao fracasso numa sociedade preconceituosa como aquela em que viveu o autor; idéia que sustento baseando-me mais uma vez em Sérgio Buarque de Holanda:

o romancista procurou fazer de sua personagem uma figura apagada, de natureza “amorfa e pastosa”, como se nela quisesse reunir a fatalidade que persegue tantas criaturas de sua casta: “A priori, diz [Lima Barreto], estão condenados e tudo e todos parecem condenar os seus esforços e os dos seus para elevar a sua condição moral e social. (1976:10)

A análise de “O moleque” permite, assim, repensar a falta de economia que o tornaria atípico se pensado sob a luz da “teoria do conto”. Discussões aparentemente desconexas unem-se num ponto comum que é o da *fatalidade*, que atinge os subúrbios, os centros urbanos, seus habitantes e em particular as tentativas de luta da raça negra. Se analisado sob esse aspecto, o conto apresenta-se extremamente coeso. Quanto às personagens que observei aparecerem na narrativa sem que se soubesse detectar com clareza o seu papel, servem para que o narrador introduza questões julgadas interessantes como, por exemplo, a necessidade de se preservar a memória histórica do país e o preconceito social e racial. Ainda que indiretamente, tais questões constituem indício de temas caros ao narrador/autor, sobretudo pelo fato de sua inclusão na narrativa não ser essencial para o desenvolvimento da ação que a norteia.

MAIS UMA VEZ A QUESTÃO DA MILITÂNCIA LITERÁRIA

Verifica-se que a irregularidade que o conto apresenta em relação à forma - falta de economia - não contradiz o tipo de literatura por que militava Lima Barreto :

O deputado (Coelho Neto) ficou sendo o romancista que só se preocupou com o estilo, com o vocabulário, com a paisagem, mas que não fez do seu instrumento artístico um veículo de difusão das

grandes idéias do seu tempo, em que não repercutiram as ânsias de infinita injustiça dos seus dias: em quem não encontrou eco nem revolta o clamor das vítimas da nossa brutalidade burguesa, feita de avidez de ganho com a mais sinistra amoralidade para também edificar, por sua vez, uma utopia ou ajudar a solapar a construção social que já encontrou balançando (...) não pode ser o que um literato deve ser quando logra pisar em tais lugares : um semeador de idéias, um batedor de futuro. (Resende 1998: 114)

Tais palavras, que encontram ressonância na questão da militância em “Amplius!”, relevam que a literatura, para Lima Barreto é, antes de mais nada, um veículo de difusão de idéias do seu tempo e, num sentido mais amplo, um instrumento de modificação social, com o qual se deve lutar por justiça, já que tem o poder de mudar pontos de vista e alterar comportamentos. Acredita-se, assim, que as várias “discussões” que tornam a estrutura narrativa de “O moleque” pouco econômica e assimétrica confirmam a necessidade do autor de transmitir as idéias de seu tempo, de gerar reflexão e debate.

É preciso ainda lembrar que o conto fala da destruição das marcas das antigas civilizações pelo tempo e que a urgência em se manter antigos nomes tupis - importantes documentos dessas existências- pode ser entendida também como a urgência do registro, num sentido mais amplo. Essa observação permite que se amplie a noção de literatura militante em Lima Barreto, que deve ser entendida não somente como instrumento de transmissão das idéias de um tempo, como também registro de uma época. Chamo a atenção para o fato de que, nas palavras de H.Pereira da Silva,

O romancista, que foi também um jornalista atuante, não perdoava, a exemplo da maioria da população, que se transfigurasse a fisionomia de sua cidade. Foi um carioca da gema. Às vezes, pode-se não concordar com algumas de suas opiniões, quase sempre expressas em termos combativos, violentos contra “os demolidores”mas, por outro lado, o encanto do Rio, encanto que até os Tamoios, sem nenhuma conexão com certo prefeito, procuravam preservar.. (Silva 1998: 17)

Considero assim que “O moleque”, refletindo uma postura que caracteriza a literatura de Lima Barreto, constitui o registro de uma sociedade e de um tempo por meio de uma construção formal determinada por temas

pungentes, num processo em que a própria tradição literária é posta em xeque. Nas palavras de Silva, “É o Rio Antigo. O Rio de antes dos aterros, desmontes, alargamentos de ruas e, em alguns pontos, ainda iluminado a bico de gás. Um Rio que desapareceu. Um Rio que conhecemos apenas através das páginas literárias, históricas e raras fotos” (Silva 1998:17).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Lima 1961a. *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense.
— . 1961b. *Histórias e sonhos*. São Paulo: Brasiliense.
COUTINHO, Carlos N. 1972. *Realismo e anti-realismo na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
GOTLIB, Nádía B. 1985. *Teoria do Conto*. São Paulo: Ática.
HOLANDA, Sérgio Buarque de. 1976. Prefácio. Lima Barreto. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Brasiliense.
RESENDE, Beatriz. 1998. “A representação do Rio de Janeiro nas crônicas de Lima Barreto. Beatriz Resende et al. *Sobre o pré-modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.
SILVA, H. Pereira. 1981. *Lima Barreto: escritor maldito*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.